11.ª DA 4.ª SERIE. N.º 47. 8 SEPTEMBRO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sae ás quintas feiras. = Assigna-se na loja da viuva de João Henriques n.º 1, rua Augusta=Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis = O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente no local supramencionado. Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis = Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Os das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes-convier = Sobrescripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, Travessa dos Gatos n.º 2. = Roga-se aos Leitores das Provincias communiquem os acontecimentos dignos de publicidade=Qualquer artigo interessante será ccolhido com gratidão e publicado=A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar=Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o-desejar=Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao público objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal=Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes=A distribuição na capital faz-se em tres horas=Este número sae ás nove horas da manhã.

EXPEDIENTE.

Por molestia do seu principal redactor, deixou de saír este jornal nas duas semanas precedentes; mas ficam tomadas providencias para que nunca mais similhantes faltas se-repitam.

Os srs. assignantes d'este jornal, residentes fóra da capital, que subscreveram até ao n.º 48, e quizerem continuar, são avisados para renovarem com tempo as suas subscripções, remettendo a importancia pelo seguro do correio geral, franca de porte, ás pessoas e terras abaixo indicadas.

Viuva Henriques e filho. — Rua Augusta n.º 1, em Lisboa.

José Joaquim Rodrigues dos Sanctos. — Rua das Flores n.º 4 e 5, e travessa da Fabrica do Tabaco n.º 29 e 30, no Porto.

J. M. S. de Paula, loja da imprensa da universidade, em Coimbra.

José Mathias Carreira, Praça Grande n.º 11, em Evora.

Para todos estes sitios vai ser remettida uma porção d'exemplares d'este jornal; os srs. assignantes, que ahi quizerem recebel-os, não pagarão mais que o preço das subscripções, que continúa da mesma fórma: 600 réis por serie, ou 12 números, e 2400 por 4 series, ou 48 números, que perfazem um volume.

Qualquer artigo ou noticia que se-pretenda inserir n'esta folha, deve ser dirigido — Ao redactor da Revista Universal Lisbonense, Lisboa, travessa dos Gatos n.º 2.

CONHECIMENTOS UTEIS.

744 HYDRO-EXTRACTOR.

Inventou-se em *França*, haverá hoje dois para tres annos, um engenho para enxugar roupa quasi instantaneamente, engenho não menos bello pela sua simplicidade do que pelo seu prestimo e vantagens.

Seu auctor Mr. de *Beaujeu* o-submettera ao juizo da academia de *Pariz*; esta o-fizera examinar; e o relatorio que lhe-foi presente, e que nós lêmos n'esse tempo, confirmava os bens, que de tal machina se-diziam; e a experiencia d'então para cá, tem comprovado completamente o relatorio.

Lavanderías ha em *Pariz*, que já para enxugar suas roupas se não valem de outro meio: e pois que lá tão bem se-deram com o invento; — pois que qualquer artifice nosso de meão engenho, apenas lh'o-expliquem o póde executar, e vender por baixo preço, — e pois que finalmente, do adoptar-mos a novidade para as casas de muita familia, para os quarteis da tropa, para os recolhimentos, collegios e asylos, e particularmente para os hospitaes, se-ha-de seguir uma grande economía de roupas; diremos o pouquissimo de que tal machina se-compõe esperançados em que não faltará ahi quem-na execute.

O *Hydro-extractor*, que assim se-chama, é um cylindro de cobre concentricamente mettido e soldado dentro n'outro muito mais amplo e de rêde metalica; o qual se-póde abrir e fechar como um bahú. Ambos estes cylindros são ao longo atravessados por um só eixo, que tendo as extremidades embedidas em duas hastes verticaes, póde com elles girar horisontalmente: um systema de rodas dentadas, cuja mínima abraça uma das pontas do eixo, em quanto a maxima recebe de uma corda, com o seu competente pêso, o primário movimento, faz voltear os cylindros com tamanha velocidade, que dão vinte voltas por segundo, ou mil e duzentas por minuto.

Lavada a roupa, envolve-se no cylindro interno, o externo fecha-se, dá-se corda á machina, desfere-se como um redemoinho a rotação: a agua embebida nos fios da roupa, obrigada pela fôrça centrifuga, disperge-se pela rêde do grande cylindro fóra como uma súbita e grande nuvem. Esta nuvem, de minuto para minuto se-rarêa, se-dissipa, até que desapparecendo totalmente, se-conhece estar a roupa enxuta. Esta, alguns minutos depois de extraída e pendurada ao ár livre, ganha um pouco de tesura, que o tremor da máchina lhe não consentira que tomasse, e fica prestes para servir, quer na cama, quer vestida, e á raiz da carne.

Tal era se nos não enganamos a descripção que do *Hydro-extractor* nos-deram os jornaes francezes d'esse tempo.

Hoje encontrâmos com outra um pouco diversa no--*Mémorial, Revue Encyclopedique* — em um artigo ácerca de um singular phenomeno de acústica em similhante machina observado.

Compõe-se o engenho (diz o artigo), de um corpo de cobre vão e cylindrico, dentro no qual volteia rapidissimamente, outro corpo tambem vão e concentrico, cuja parede exterior é crivada de buraquinhos por onde a força centrifuga expede a agua de que a roupa está impregnada.

O moto communicado a este engenho, é tal que póde chegar a vinte voltas por segundo etc.

Mas já que fallámos no phenomeno acustico, e depois do trabalho nunca a musica é dessaborosa; não será bem que nos despidâmos, sem vos ter feito ouvir esta nova melodia.

Estâmos na lavandería de *Mr. Poncelein, em Issy*, despejou-se a machina da roupa, depois de mui bem feita a sua obrigação; tiraram-lhe a tapadoira com que o engenho costuma de estar coberto. Chega um curioso, começa por desemfado, a fazel-o girar, descarregado e vasio: principiam a saír de dentro umas toadas; cada vez se vão tornando mais agudas á porporção que o movimento se-accelera, e ao passo que este diminue vão descaíndo para mais graves.

Até aqui não ha coisa que maravilhe, mas agora entregue a machina a sí mesma, os seus sons em vez de se-abaixarem,

gradual e insensivelmente com a propria rapidez do movimento, seguem entre si os *intervalos da escalla*. Parecia que assim como a celeridade do movimento produsidor do som, diminuia gradualmente, assim tambem o seu effeito deveria de continuo decrescer, como succede quando se-vai resvalando com o dedo por uma corda de rebeca. Pois tal não é: a machina acaba de dar o *si*: continúa sem embargo da diminuição de ligeiresa a dar a mesma nota por um poucochinho espaço, e com intensidade decrescente. Salta de subito para o *lá*; e o que mais é para notar, é que no proprio momento em que o som assim declina um gráu, torna-se mais intenso, depois mais frouxo, mas é sempre o *lá*, até que decáe em *sol* depois em *fá* depois em *mi* etc

A importancia deste phenomeno, e a persistencia dos sons assim produzidos, remeda a progressão diatonica.

Deus sabe a que novos inventos musicos poderá abrir caminho esta lavandeira e cantarina mechanica.

MEDICINA.

Virtudes da Mécha.

745 Um médico francez, por nome *Gondret*, tem experimentado em si, e em muitas outras pessoas, e ha já annos, a applicação do calorico em emissão, por via de uma mécha accêsa.

Chegando-se á pelle a chàmma da mécha, sente-se uma dôr viva que se-esváe tão depressa como veio. Fica uma nódoa da queimadura, que tambem se desvanece passados poucos dias. Ha pessoas a quem se-fórma bôlha, mas tambem passa sem tardança.

Ora a dôr instantânea causada pelo fogo da mécha, dissipa muito brevemente a dôr rheumatismal, gottosa, etc.

Em dôres suas o tem o doutor experimentado, e todos os dias regista factos análogos de enfermos seus.

Este remedio, diz o auctor, serve tambem de grande alívio nas asphíxias em quanto se-lhes não accode com os tractamentos, que segundo suas especies lhes são devidos. Tem-lhe tambem acontecido dissipar assim as contracções convulsivas da aura epiléptica, e sem mais auxílio atalhar ou pelo menos retardar consideravelmente o ataque epiléptico.

Acha o doutor *Gondret*, que os effeitos phisiológicos d'esta flâmma sulfurea, podem em muitos sentidos comparar-se com os da electricidade da pilha *voltaica*.

Asphixiou alguns coelhos dando-lhes pancadas na nuca; correu-lhes depois com uma mécha accêsa, mas intermittentemente, ao longo do fio do espinhaço, e no praso d'alguns segundos viu-os levantar-se e abalar como se nada com elles fôra. Este resultado combina com o que em identicas circumstancias d'asphíxia havia d'antes obtido, já da electricidade da pilha, já da ventosa sarjada na nuca.

Esta medicina de cozinha, este *récipe* da tenda em vez da botica, vai ser forçosamente um bello thema, para os matões e zombeteiros: médicos haverá tambem d'estes que fazem da medicina uma sciencia abstrusa, magica e symbolica, e de nada se-arreceiam tanto como dos meios simplices e faceis de curar; os quaes para logo se-enxofrarão contra as virtudes d'este enxôfre. A nós entretanto nos-parece mui cordato, que por isso mesmo que este remedio é tão singelo e tão sem perigo, seja pelos facultativos experimentado.

A lógica dos factos deve sempre prevalecer ás hypotheses e theorias.

TRATAMENTO DAS GALINHAS.

746 Em o número 43 d'este jornal, artigo 632, recommenda-se um modo facil de augmentar ás galinhas a fecundidade; aconselha-se a experiencia, e pede-se, em retribuição, a notícia do resultado. Nós, para quem o propôsto methodo não é novo, dâmol-o por provado, e digno da *Revista Universal*.

Em 1840 creavamos uma galinha, com todo agasalho doméstico: um dia, recortavamos papel, quando ésta nos-salta ao cóllo, e começa a devorar-nos o trabalho. Recordámo-nos então de ter lido n'um jornal instructivo, que a ingestão de substancias calcáreas, favorecia o desinvolvimento dos óvos das galinhas, e pareceu-nos que o animal se-lançára ao papel, pela similhança, que lhe-apresentava, com fragmentos d'essas substancias. Corrêmos a um lanço de parede, levantámos uma porção da superficie de cal, e démol-a pisada a avesinha, que a-comeu com soffreguidão.

O instincto dirigia tambem as suas precisões, que, d'alli em diante, em períodos certos, e precedentes á postura dos óvos, girava emtôrno a nós, e sabia expressar a seu modo, a urgencia de a-regalarmos com o acepipe. Advertindo porém, que, a par do carbonato de cal, exigia sempre, e ás vezes com preferencia, o papel picado. A postura foi copiosa, e alentada.

Depois d'esta, tivemos outra com o mesmo tractamento e alimentação, e que muito excedeu á primeira, em fecundidade: ficando-nos o pesar de nunca fixarmos, sobre tal assumpto, um cálculo numérico.

Não será talvez inutil observarmos, que a applicação das cascas dos óvos d'estas aves, na comida pó de trazer o inconveniente de as-habituar a destruil-os no próprio pousadío, ou na incubação. é por ésta prevenção, que prescindimos sempre de tal substancia, no tractamento da nossa creação.

Maria J. S. C.

GAZ LUCIFERO.

747 Já finalmente quem desejar alumiar-se com o gaz lucífero, de que por vezes temos fallado, poderá preencher o seu gosto, e convencer-se, por experiencia, de que em nenhum ponto foram os nossos elogios exagerados. Os candieiros proprios para este uso já estão á venda na botica do sr. Barreto na rua do Loreto: recebeu-os de Pariz — são de excellentes desenhos e modico preço: os para carruagens e bilhares ainda lhe não chegaram. Já á luz de um d'estes candieiros, que nos-aclara todo o aposento, estamos escrevendo o presente annúncio: esta luz póde-se augmentar, ou diminuir, á vontade, segundo são mais ou menos furadas as chapas com que se-cobre o liquido. Um lustre de lucífero, que da Prussia recebeu o exm.° sr. duque da Terceira, póde dar, por exemplo, uma luz egual á de 133 vellas de cebo.

O liquido que tambem na mesma botica se-vende, custa a 280 réis a canada.

A fábrica estabelecida no Ginjal para o manipular, já se-acha trabalhando em ponto grande, que vai aina da ser augmentado pela collocação de uma opulenta machina distilatoria, obra do nosso distincto artifice caldeireiro, o sr. Collares. O credito e consumo que este genero vai ter infallivelmente abona vantajosissimos lucros á empresa, cujo fundo é de 25:000$.

divididos em acções de 50:000; quem desejar possuir alguma d'estas acções em primeira mão, deve apressar-se de fallar ao mesmo sr. Barreto, pois que já d'ellas não resta senão número pequenissimo.

NOVO METHODO DE SALGA.

748 Já n'este jornal recommendámos, e explicámos o excellente méthodo, do célebre embalsamador *Ganal*, para se-conservarem as carnes comestiveis sãs e frescas sem limitação de tempo. Hoje apontaremos outro de *C. Payne*, recem-premiado em *Inglaterra*, com a patente e privilégio de invenção, pelo qual se-podem as carnes salgar com a maior perfeição, para cómmodo e regalo, particularmente dos viajantes por mar. Advertimos, que não deve servir de objecção o custo da máchina, pois que nem ella póde ser muito dispendiosa, nem para salgar muito e por muitos annos, se-carece de mais de uma.

Ha um vaso de ferro, ou qualquer outro metal, de sufficiente grossura, e hermeticamente fechado com uma tampa atarracada com parafusos: abre-se este vaso, lança-se-lhe dentro, e em sêcco, a carne ou peixe, que se-cóbre com um diaphragma, ou fundo falso todo crivado de buraquinhos, por onde depois sairá o ar e entrará o môlho. Parafusa-se a tampa, acommoda-se-lhe em uma abertura própria uma máchina pneumatica ordinaria, com cujo ministerio se-vai esvasando o bojo do ar n'elle incluso, e, por consequencia, saíndo tambem o que nas fibras animaes estava encerrado. Apenas se-perfez um sufficiente vácuo, abre-se com uma torneira passagem para caír dentro a salmoira, que estava á espera em um reservatório implantado na mesma tampa. Como o vaso se-acha meiado da salmoira, continúa-se a dar á máchina; e exhausto o restante do ar, para o logar d'elle se-imbute até encher todo o vão, o que faltava de salmoira, carregando-a rijamente, por via de uma bomba calcante, afim de que pela pressão se-embeba em todas as partes animaes d'onde já o ar terá fugido. Deixa-se emfim quedo o aparelho, desde um quarto de hora, até hora inteira, segundo o tamanho e qualidade da peça que se-salga; depois do que, se-tira e guarda, para a comer quando se-quizer, sem receio de ruína.

Já hoje em *Londres* se-devem de achar á venda, e talvez por prêço não subido, estes trens com a explicação circumstanciada do seu uso. ¿ Não conviria manda-los vir, o govêrno para os arsenaes de marinha? (quantas carnes senão poupariam em viagens dilatadas!) ¿ a sociedade das pescarias, para a salga dos seus peixes? (quanto melhores os-não comeriamos!) — ¿ os particulares provincianos, para a dos seus porcos, que muitas vezes se-lhes estróem; das suas vitellas, a que nem sempre podem dar vencimento; da vacca, nas partes onde só um dia na semana tem açougue?

AGRICULTURA.

Carta 1.ª

749 Desejando aclimatar o onobrychis dos botânicos, e tirar d'elle a favor dos campos e gados d'aqui, essas vantagens que os francezes tanto lhe-exaltam; rogo a VV. queiram dizer-me se sim ou não elle existe já entre nós, e apontar-me os meios mais fáceis de o poder alcançar.

E' este meu pedido mais uma resposta ao contínuo convidar de VV. e lisongea-me acreditar, que lhes-será tão grato este meu empenho, quanto é util á nossa agricultura tão boa acquisição.

De VV. constante leitor.

Gradiz 28 d'agosto de 1842. *Padre Antonio Joaquim da Silva.*

Carta 2.ª

750 Tendo-se a *Revista Universal* dedicado a promover a prosperidade nacional, empenho nobre e heroico, ao qual distinctos charácteres estão votados; permittam-me VV. lembrar-lhes, que de muita utilidade sería publicar em artigos sufficientemente illucidados, o systema de cultura dos seguintes objectos: do algodoeiro, do arrôz, do chá, das multicaules, luzerna etc.

Isto é, qual a sementeira, plantação, e cultura do algodoeiro, colheita e preparo do algodão, até poder ír ao mercado, bem assim qual a melhor espécie, e d'onde se-póde mandar vir.

Qual a sementeira, e cultura do arrôz, e melhor qualidade; e processo até podêr ír ao mercado.

Qual a sementeira e cultura do chá, etc.

Qual a sementeira, plantação, e cultura das mutticaules.

Qual a cultura da luzerna e *sansfoin*, e mais pastagens, de que em *Portugal* não ha conhecimento; explicações de que o auctor da traducção de *Raspaill* foi summamente avaro. A convicção em que estou, de que de taes esclarecimentos muito se-devem approveitar os génios emprehendedores, para melhoramento do nosso paiz, me-moveu a dirigir a VV. esta rogativa, cujo deferimento muito obrigará, quem se-presa ser:

De VV. etc. etc.

Lisboa 30 d'agosto de 1842. *Um Assignante da Revista.*

---

751 As perguntas, que nas duas precedentes cartas se-nos dirigem, são em verdade de summa importancia. Em lugar de lhes-accudirmos desde já com respostas deffectivas, ou inexactas, quaes um pouco de estudo theórico nol-as poderia subministrar, recorrêmos por via da publicação á experiencia e sciencia de toda e qualquer pessoa, que em algum dos apontados assumptos se-julgar com fôrças para douctrinar. ¿ Que portuguez, ou ainda que simples homem, a não sêr bestialmente desalmado, negará luz a quem lh'a-pede para trabalhar ao mesmo tempo na felicidade doméstica e na felicidade pública? Do adiantamento das culturas particulares é que póde ao cabo resultar, que rebente, copiosa, caudal, e inhexaurivel, a unica fonte, que ha-de reanimar, e reflorecer esta nossa tão boa e tão desbaratada terra. O que de nosso está para tão santo fim, fal-o-hemos sempre com a maior pontualidade: quantas prelecções e cathequeses sôbre estas, ou similhantes materias, se-nos-enviarem, estampal-as-hemos logo, com o nome, ou sem o nome, de seus auctores, segundo lhes a elles aprouver; a todos, desde aqui advirtimos, que se não pêjem, nem corram, de lançar para esta folha idéas uteis, em linguagem, incorrecta, ou stylo desalinhado; por nossa conta fica o facil trabalho de reformar descuidos e desprimores de escriptura, afim

de que a idéa prestadía se não venha a engeitar por menos bem trajada; e, porque o pulir e lustrar é nada em comparação do conceber e esculpir, toda a glória da boa obra, a elles, e só a elles, confessaremos, que se-deve.

¡¡¡ SCOTOGRAPHIA !!!

752 Quem marcará limites de impossivel aos progressos d'esta edade? Temos visto as sciencias phisicas, surgindo, crescendo á porfia, e impelindo-se mutuamente para o infinito, todas a cada uma e cada uma a todas, realisarem os feitiços e magias mais incriveis, e diremos até, mais absurdas. Quasi que não ha milagre, nem mesmo a resurreição dos cadaveres, que a arte não imite, ou não arremede; até vimos n'estes ultimos annos uma das allegoricas fabulas da Grecia converter-se em historia, e, mais que historia, em realidade por todos presenciada: o Apollo dos antigos, ora sol, ora Deus das bellas artes, deixou de ser uma chimera; Daguerre o oubrigou, não a inspirar pintores, mas a servir como pintor aos homens elle mesmo. Toda a Europa tem admirado os quadros do Daguerreotypo, essas laminas metalicas aparelhadas com o ióde, em que um feixe de raios solares apertados por uma lente, e servindo de pincel, debuxa os objectos até a sua minima e mais imperceptivel particularidade. Antes de Daguerre, tambem o sol pintava as imagens das coisas, quer na alma humana atravez dos olhos, quer na superficie insensivel do espelho; mas a visão do espelho, desapparecia, logo que o objecto, ou a luz, se retirava; e a alma, pouco menos tenaz, confundia, desbotava, e vinha finalmente a apagar as ideas que pelos olhos tinha ganho; o Duguerreotypo, verdadeiro espelho constante, e alma corporea com perfeita retentiva, conserva em si, claro, manifesto e imperturvavel, quanto uma vez se lhe mostrou. Poderá haver maior milagre do que este da luz pintora? póde, e ha, que he serem pintoras as trevas! Photographia so chamou áquella arte; chama-se a esta, que hoje nasceu, Scotographia.

¿Quereis ver, por vós mesmos, a realisação d'este impossivel? Tomai uma chapa de prata, bem polida e espelhenta; avisinhai-lhe mui perto, e em face, um camafeu, medalha, cornelina, ou qualquer outra scultura ou gravura semelhante; fechai tudo n'uma caixa bem vedada, e n'uma casa bem escura; passadas 10, ou 15 segundos abri, e achareis retratado na chapa o objecto artistico. Tal foi a experiencia de Mozer; experiencia, que Humboldt refere haver sido em Berlim reiterada efficazmonte pelo astronomo Encke, e Richershon. Esta operação, sahe ainda muito melhor, quando os objectos estão em perfeito contacto, segundo por muitas experiencias tem confirmado o illustre philosopho de Kœnigsberg o inventor ou descobridor da Scotographia Hers Mozer, que publicou sobre o assumpto uma interessante memoria em alemão, cheia, segundo consta, de ricas observações.

TRIBUTOS.

753 A esta redacção foi ha tempos remettido um opusculo com o titulo — *Projecto d'um tributo geral sobre a nação.*

Tinha seu author, o sr. *José Joaquim Freire, tenente-coronel effectivo do exercito*, boas esperanças, se elle fosse posto em execução, de que pelo seu methodo se-deveria extinguir a divida nacional.

Não podêmos deixar de louvar o empenho do auctor quando considerâmos o escabroso do trabalho em que se-arrostou na edade de 82 annos, e a promptidão com que está disposto a contribuir por sua parte para o sacrificio que tem por necessario, a fim de nos salvar da perdição em que não sem fundamento nos suppõe.

Todos estremecem quando olham para o fundo do abismo que teem diante dos pés; mas a maior parte dos alvitres que se-recommendam para o seu atêrro, mais assentam em bons desejos, do que em calculo.

Ora, calculos é que nós diligenciaremos estabelecer, para fundamento a melhores raciocinios. Se a virtude de um projecto de lei, consistisse em se-decretarem grandes impostos, nenhuma nação perigára por causa do máu estado da sua fazenda. Bastava il-os lançando até chegarem á conta, que logo cessavam as afflições, e não haveria ninguem que não podesse ser um grande ministro do Erario. Infelizmente porém não passa isto de um sonho em sinthetologia. Ha certas e dadas compensações no equilibrio das forças economicas de um povo, que posto escapem á percepção do commum dos observadores, nem por isso deixam de ser tão rigorosas, como a mais severa demonstração em mathematica. Obtido por via de um assisado systhema, o maximo computo de tributos, pretender forçar a receita d'elles d'ahi para diante, é o mesmo que querer vêl-a diminuir rapidamente. E' o que hoje está succedendo nas nossas alfandegas.

Não é preciso nenhum espírito faccioso para isto se operar, pois succede em todos os paizes e sobre todos os regimens. Embora haja as melhores disposições da parte dos contribuintes, o effeito ha-de ser o mesmo, porque nasce da impossibilidade. Augmento em um imposto paralisa a extracção do genero; o consumidor não lhe-póde chegar; o possuidor arruina-se. Logo estancar-se-ha tanto o costumado rendimento público, que delle indirectamente procedia, como o novo que se esperava. Esta verdade ninguem a-póde contestar.

Mais ainda.

Um povo nunca paga nem póde pagar mais do que os valores que póde converter, e que póde dispensar. Esta nação possue mais do que está devendo; mas em bens moveis e semoventes não é que o estrangeiro ha-de querer ser pago. São valores para nós mas não para elle, que não póde apreciar os nossos prédios, as nossas cazas, a nossa mobilia, nem o nosso trabalho. Contar pois com isso para solver as nossas obrigações externas, é fantasia e chimera: são riquezas mas só para dentro do paiz, nem tambem nós as podiamos alienar sem nos despedirmos da existencia.

Conjecturas, e algarismos, mais ou menos bem fundados, vão servir-nos para aclarar a questão nesta apurada conjunctura da nossa fazenda tanto particular, como pública.

O Author da memoria citada, ignora o quantum da nossa divida: é falta capital. Pelos últimos documentos publicados officialmente colligimos nós que a sua importancia é pouco mais ou menos a seguinte;

			Réis.
Divida externa ou ingleza.	49.814.804$629		
Juros atrazados a junho 1841.		7.302.203$123	57.118.117$752
Divida externa orçada pelo ministro *Florido* . .		23.128.857$399	
Dita por ministro *Avila*	6.520.000$		
Dito, dito .	1.368.000$	7.888.900$000	31.017.757$399
Divida fluctuante, pouco mais ou menos			24.000.000$000
			112.135.875$151

ou para acima de 280 milhões de cruzados. Uma divida destas, não se-extingue com o recrescimento de impostos, sobre os comestiveis que a nossa indigente população consome. Por uma revolução radical na industria, é que unicamente se-póde adiantar a sua amortisação.

Se o sr. *Freire* ignorou a importancia da nossa divida pública, não lhe aconteceu outro tanto na nossa despeza annual,

que elle foi extrahir do orçamento públicado pela commissão externa de fazenda creada por decreto de 22 de março 1841, importando Rs. 11.102:541$151. Tambem comtudo lhe faltou um quesito essencial, para poder determinar com segurança, os novos impostos que propõem para a extincção da nossa dívida pública, e foi, saber qual era o nosso *deficit* para nivelar a receita com essa despeza. — Supprido o primeiro, então se-poderiam exigir novos sacrificios para extinguir a dívida, porque antes de tudo, se-deve manter o estado, e depois se-curará de distractar os capitaes dos encargos fundados da junta do crédito, e os outros que ainda estão fluctuantes.

A *receita* pública não se-póde arbitrar em mais de Rs. 8.506:000$, a não se-querer fantasticamente encorpar as verbas de que se compõe.

Désta quantia a 11.102:541$151, vão Rs. 2.600.000$ ou por outra, é necessario lançar mais 30 por cento de impostos sobre os actuaes. E será isto possivel? Não o-cremos. Necessitamos de melhores principios em economia politica, do que os que estão actualmente em voga, para os contribuintes poderem acudir ás necessidades do thesouro.

O nosso benemerito militar cuida, e n'isto vai com quasi toda a gente, que póde haver misterio em tributos, lançando-os por maneira que se-não presintam, insinuando-os insensivelmente na subsistencia do contribuinte. Uma contribuição, é um toxico. Deem-no como quizerem, que elle a final lá ha-de ír exercer a sua acção mortifera, aonde menos o-presumirem, o-inexperto applicador e a sua victima imprudente.

As massas do povo pobre é que fazem a-força de todas as nações em todos os sentidos, fiscal, industrial etc. Ora para estas, um real ou dois reaes por dia de imposto, em qualquer dos generos da sua subsistencia, é de muito gravame. Para se entender quanto elle seja, convém saber que em Portugal talvez cada individuo, presuppondo todos os rendimentos divididos por todas as pessoas com egualdade, não ganhe mais de meio tostão por dia. Para este 1 real vem a ser não menos de 2 por cento, e 10, 20 por cento.

Pouco se tem escripto ou quasi nada sobre esta materia em Portugal, mas não falta quem nos paizes estrangeiros a haja elucidado; nomeadamente em França. Por calculos feitos naquella nação ainda ha pouco pelo barão *Dupin*, não cabe a cada francez mais de 128 réis por dia. Se este é o rendimento d'um franceez, o de um portuguez, attento o seu desleixo, não póde calcular-se em mais do que o fizemos. Ainda o nosso lanço de 50 rs. diarios, por cada individuo, nos parece excessivo, aliás haveria menos difficuldade em realisar a arrecadação dos impostos. Os 50 réis multiplicados por toda a população, sommam 59 mil contos, tirem-se daqui 11 mil contos de contribuições para o thesouro, e mais 2 mil para as despezas locaes, ficam 46 mil contos, para a subsistencia, e mais necessidades do povo.

Ora com uma quantia de 14$000 rs. por anno a cada individuo pouco ou nada póde elle fazer. Nem sabemos como haja quem se-aventure a propôr novas alcavalas para ainda attenuar.

Se o Sr. *Freire* em logar de propôr novos tributos, houvesse proposto um invento, uma industria, por onde augmentasse o rendimento das familias, teria achado a verdadeira solução ao seu difficil problema. O nosso grande fim não ha-de ser exhaurir senão abastar. O remedio não é sangrar, é nutrir e fortalecer.

As rendas das alfandegas de Inglaterra no seculo 13.° eram lb. 6.000, ou 24 contos, hoje são 200 milhões de cruzados, com menos extorsões do que na época do feudalismo, ou antes, sem nenhuma. ¿E por que? pelos principios que nós recommendamos de moderação e de illustração.

Claudio Adriano da Costa.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

CONCELHO DE ESTADO.

8 de septembro do 1569.

754 Commemorâmos hoje a instituição do mór tribunal do reino, o único a que hão presidido os nossos reis — O Concelho de Estado.

Emquanto o cardeal infante D. Henrique governou este reino por minoridade de ElRei D. Sebastião, lhe-fizera o célebre stadista Affonso Pires de Tavora proposta para esta creação, apresentando junctamente um grande memorandum de assumptos que o Concelho devia resolver. Com effeito o cardeal em nome de ElRei, por alvará e regimento d'este dia, instaurou o Concelho de Estado, que d'então até agora foi sempre composto das altas dignidades eccelsiasticas e da nobreza.

O instituto correspondeu á mente do instituidor, para confirmação do que, haja vista á relação dos trabalhos com sua ajuda feitos, apresentado pelo mesmo cardeal quando entrêgou o reino ao sr. D. Sebastião, tanto que este chegou á maioridade.

Gosaram seus membros sempre da mais alta consideração, e na—Historia Geneológica da Casa Real — cita-se como singular honra, ter ElRei D. João V recebido o Concelho de Estado, estando em cama sangrado, pelo que lhe-fallaram de joelhos.

A. da Sylva Tullio.

VASCO DA GAMA EM GREENWICH.

755 N'um bello dia de septembro inglez (nunca tão bello como os de um septembro de *Cintra* ou de *Coimbra*), fui, ha poucos annos, acompanhar a *Greenwich* um amigo e patricio, que por *Inglaterra* transitava, e que desejou visitar aquelle estabelecimento, tão util quanto honroso para esta nação. Tinhamos visto dormitorios, cosinha, refeitorio, tudo na mais admiravel ordem, e chegámos finalmente á porta da formosa galeria, verdadeiro templo erigido e dedicado á gloria naval britanica. Não era a primeira vez que eu alli tinha ido render meus cultos á deusa, por lembrar-me, que antes de vir aposentar-se nas margens fumosas do *Tamisa*, se-tinha deleitado, sob o titulo então de *Lusitana*, em honrar com a sua presença as entradas magestosas do Téjo. Inda fóra do limiar lançando para dentro a vista, deu-me nos olhos, de logar proeminente, um gesto, um garbo tão classicos da nossa terra, que me-fizeram exclamar para o companheiro, apontando-lhe de longe para a pintura: — « Aquella figura não póde deixar de ser portugueza, e portugueza de bom tempo. » — Levou-me a ella direito a curiosidade, e logo que pude ler-lhe o rotulo, vi, com acrescentado prazer, o nome de *Vasco da Gama*. Em *Lisboa* havia o retrato sido recentemente (em 1838) mandado copiar por não me-lembra que official inglez, o qual o enviou de presente para aquella galeria. Do lado opposto observei depois tambem, correspondendo a este quadro, o retrato de *Christovão Colombo*, cópia egualmente de *Lisboa* transmittida pelo mesmo official.

Confesso que me-admirou agradavelmente o ver, como não esperava, os inglezes de hoje (que parece fazem consistir n'um só capitulo — o das suas acções — toda a historia moderna) dignarem-se admittir na companhia dos seus heroes um portuguez qualquer; maiormente um, cuja gloria e façanhas foram anteriores a todas as outras, numerosissimas e brilhantissimas por certo, que enchem o largo espaço e cobrem os vastos muros d'aquelle *naval* pantheão.

O meu amigo que vinha alli pela primeira vez,

queria levar por ordem o exame da galeria, havia começado pelos primeiros quadros á direita da porta, e achava-se comtemplando o retrato, todo marujo e hollandez, do célebre *Van Tromp*, que ficava fronteiro ao do nosso *Gama*, e que um tanto me admirou tambem vêl-o alli, quando a sua glória e fama tinham sido principalmente adquiridas á custa dos britanicos. Interrompi ao conterraneo em seu methodico exame, não podendo inhibir-me de convidal-o a saborear comigo, o justo desvanecimento portuguez, de ver alli representado um patricio nosso, que podia sem presumpção ou injustiça, arrogar-se a primasia na brilhante assembléa dos centenares de heroes, cujas imagens o rodeavam. Phantasiando, com effeito, agora resuscitados, com o nosso *D. Vasco*, todos aquelle distinctos maritimos, desde *sir F. Drake* até lord *Nelson*, ¿qual d'elles deixaria de honrar-se com dar a cadeira de presidente ao primeiro almirante do mar das *Indias?* Só o grande genovez lhe-poderia disputar com sombra de justiça tal distincção; mas não tenho dúvida que este mesmo lh'a-cederia, e a justo titulo.

Dòces eram por certo, estas considerações; mas em breve foram logo seguidas por outras de mui diversa natureza. Prompto veiu após o luctuoso pensamento, da insignificancia e degradação actual da nossa Lusitania, a idéa mortificativa de que, para mostrarmos hoje de nós alguma coisa de honroso e de glorioso, em valor social, historico, litterario, em sentimentos nacionaes, em verdadeiro patriotismo, precisâmos considerar-nos como uma grande ruina politica e moral, e aproveitar-nos do só favor dos monumentos deixados pelos tempos que passaram, precisâmos considerar *Portugal* como um vasto cemiterio, e procurar o seu valor e merecimento, quasi só nas memórias históricas e tumulares!

Proveitoso é todavia, tal estudo, e não pequeno serviço faz a *Revista Universal Lisbonense* em occupar-se tanto de trazer á tão merecida luz, os preciosos restos do *Portugal* antigo, em desassombral-os das silvas do despreso, em limpal-os do musgo, e sacudil-os do pó do esquecimento. A belleza, o préstimo, a sabedoria, d'essas venerandas reliquias, já, se me não engano (a mesma *Revista Universal* me-fornece os indicios), começam a namorar mais e mais almas verdadeiramente portuguezas e bem formadas, que me parecem destinadas a resuscitar, ao menos em parte, os pristinos e nobres meritos da nossa patria. Na historia, na litteratura, nas artes, nas sciencias, em geral vejo tendencia clara para regresso ao bom espírito portuguez de nossos maiores; mas, com magoa o confesso, é só na politica, no que pertence á perfeitissima e magestosa machina de nossa organisação social antiga, que vejo fazer a mais deploravel excepção, indo atraz de tudo quanto é estrangeiro, novel anti-nacional, e direi mais, anti-politico e anti-social. N'esta parte, não se-quer outro mestre mais que algumas gazetas estrangeiras, algumas imperfeitas e mal-adoptadas fórmulas, copiadas das práticas e assembléas de gente com outros sentimentos, outras idéas, outros costumes, outros hábitos, outros interesses e outra patria, que os nossos; quer-se enxertar, em fim, na antiga Lusitania um *Portugal* semi-francez, e semi-britanico! — Se visse isto um *Vasco da Gama!*....

Voltando a coisas de tempos mais portuguezes; aproveito esta occasião para apontar aqui mais uma de tantas provas do muito que n'esses tempos faziamos, e valiamos e do pouco que hoje valemos e fazemos. Ha dias li no *Morning Herald* o seguinte extracto de uma folha de *Portsmouth*:

» Quatro peças de artilheria de bronze, tomadas últimamente aos Chinas, acabam de desembarcar-se aqui. Duas d'ellas teem 12 pés de comprido, 10 polegadas e 4.10 de furo, 2 pés e 6 poleg. de diametro; a terceira tem 11 pés e 2 poleg. de longo, 8 poleg. e 8.10 de furo, 1 pé e 8 poleg. de diametro. A inscripção em cada uma d'ellas é: — » *Da cidade do Nome de Deus da China. Carol. F. data de* 1627. » Assim traduzo ou corrijo a cópia que dá o papel inglez, onde estropia a inscripção d'esta sorte: — » *Dacitate Donome Dedeos da China* » maker » *Carol. F.* » date 1627. — Outra peça pequena de calibre 6, fábrica ingleza, com o distico: — *Richard Phillips made this piece.* — 1601. » (Ricardo Phillips fez esta peça, em 1601). Feita em Londres. »

Assim se-vê que ha 215 annos íamos nós fundir á *China*, grossa e possante artilheria, com que ainda agora se-defende contra seus civilisantes *envenenadores* o » Imperio Celestial » Hoje servem essas nossas obras de trophéos de » glória » a nossos generosos alliados — não lhes-invejâmos, com tudo, tal *glória* ganha n'uma guerra de veneficio: um govêrno do nobre *Portugal* antigo, nunca decretaria ou sanccionaria tal guerra; capitães como um *Vasco da Gama* nunca houveram consentido em n'ella se-empenharem!

Londres, 13 de Agosto de 1842. *A. Ribeiro Saraiva.*

VISTA INTERIOR DE COIMBRA.

(Continuado da pagina 543.)

D. MARIA TELLES DE MENEZES.

O seu Palacio.

756 Ainda estavam salpicadas de fresco sangue as paredes do palacio da «quinta das lagrimas» como que ainda alli resoavam os clamores da malfadada «Ignez de Castro» implorando a clemencia de seus algozes, quando o assassinio de uma dama tão nobre como a esposa do principe D. Pedro, tão formosa como o «Collo de Garça» (1), encheu de lucto a cidade de «Coimbra» ainda horrorisada d'aquella funesta catastrofe. Perfidos conselheiros, sob pretextos especiosos, impelliram o «Heroe do Salado» a decretar a morte da esposa de seu filho; uma mulher perversa e dissoluta, a «Lucrecia Borgia» portugueza, armou de punhal traiçoeiro as mãos de um credulo mancebo para sacrificar sua irmãa.

Rendera-se o infante «D. João» á boa graça de D. Maria Telles de Menezes, senhora de rara discrição e formosura, e ao titulo de amante juntou o de esposo para possuil-a. «D. Maria descendia de reis, e o casamento de «D. Fernando» com «D. Leonor Telles» auctorisava o do infante, accordáram todavia em occultal-o; mas não foi tão precatado o segredo que o ignorasse a rainha, aproveitando-se do ensejo para

(1) Assim chamavam a D. Ignez de Castro — é o nome com que os antigos portuguezes encareciam uma belleza, por extremo grande.

perdel-os. — Queixa-se ao joven principe de que pela satisfação de um desejo se-mallográra o seu casamento com «D. Brites» unica herdeira do throno, e que a despeito de tão duro sacrificio sua irmã lhe-era infiel. — Accredita esta nefanda calumnia o ambicioso mancebo, e menos estimulado do imaginario ultrage que da privação da corôa, resolve, para recuperal-a, tirar a vida á infeliz Telles.

Eram cinco horas da madrugada do dia 28 de novembro de 1377, quando o infante, ao cabo de muitas leguas de jornada, pára no recio, proximo da ponte do «Mondego» e descobre aos creados o motivo de sua vinda a «Coimbra.» Pelas mais ermas ruas da cidade se-dirigem os mal intencionados á morada da innocente senhora, batem alto e descompassadamente á porta, e não lhes-soffrendo a impaciencia que de dentro se-abrisse, á viva força a arrombam. Por entre gritos de creanças e mulheres, despertadas ao subito estrondo, vão os malvados, capitaneados pelo infante, penetrar na câmara da illustre victima. Gelada de terror apparece em pé, desgrenhada, e mal envolta em uma colcha, que não se-lhe-dera occasião de compôr-se melhor; reconhece ao infante que com aspecto furibundo se-lhe-arremessa, quer serenal-o, pede-lhe que um só momento a escute; porém elle mais deshumano que os assassinos de sua mãi, com affronta do pejo e escandalo dos presentes, acaba de descobrir aquelle honestissimo corpo, e com duas punhaladas o-prostra sem vida juncto do leito em que havia recebido os mais ternos testemunhos d'extremoso amor (2).

Na rua de Sobre-Ripas fica o palacio onde se-consummou esta obra de iniquidade; é edificio vasto, e bem conhecido pela sua fórma acastellada, e negridão das paredes, que contrastam com as mui alvas da casaria em que está encravado. Primorosos florões, silvas entrelaçadas, e um escudo d'armas já carcomidas, constituem o portal; figuras várias e multiformes, de marmore, em baixo relêvo, aqui e alli embutidas, attrahem a attenção do antiquario; provoca tambem suas conjecturas uma cruz da feição da ordem de Christo entalhada n'uma das quinas. — O mestrado de Christo fôra dado a «D. Maria Telles» para seu filho «D. Lopo Dias» porventura d'aqui a existencia da insignia da ordem.

O interior do palacio conserva a pristina fórma com leves mudanças; merece especial menção a porta da casa do assassinio, é parabolica, de oito palmos de altura, quatro de largura, sem umbraes nem padieira. Escadas de caracol, estreitissimas, e esboroando-se conduzem ao logar das antigas torres: um como reducto, quadrado, construido de cantaria, denominado «casa da torre» communica com o edificio por um corredor hoje descoberto; diz-se que tambem uma estrada subterranea ía dar ao rio.

R. de Gusmão.

(2) Vide Chronica d'el-rei D. Fernando por *Fernão Lopes*. — Collecção de livros ineditos de história portugueza. — Tom. 4.º

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

757 Os ESTADOS-UNIDOS florecem em industria e continuam a reforçar-se pela hospedagem de emigrados de prestimo, mormente francezes. Os receios que havia de quebra de pazes com Inglaterra, parecem ter cessado ao menos por agora.

No BRASIL as tropas imperiaes alcançam assignaladas melhorías nos recontros com as dos insurgentes.

A AMERICA DO SUL continua a correr o fadário de tyrannía, anarchia e guerra civil!

Os inglezes na CHINA tem-se com poucas tropas asenhoreado de algumas paragens de tanta monta, que sopêam uma larga quantia de povoação.

O colloso inglez tem os pés de barro, mas o colloso chim por seu mal tem de barro todo o corpo...

A TURQUIA e a PERSIA armam-se açudadamente para descer á arêna dos combates, e em vão, segundo parece, forcejam os representantes das outras nações por lhes-ter mão.

A RUSSIA não jaz em tão profundo somno de segurança, como pelo forçado silencio da sua imprensa secuidaria: diz-se até que o regecidio já começou por lá a dispôr suas máchinas infernaes.

A pobre Circassia continúa a resistir-lhe gloriosamente. E a martyrisada Polonia dá visos de querer levantar-se do pôtro contra o verdugo.

Na INGLATERRA forceja-se para reprimir a insurreição da fome, e imagina-se que o ferro póde supprir o pão! O povo discorre pelo ventre, e não o-intende assim.

Começou-se a lucta entre a democracia não exagerada, e a aristocracia pecuniaria exageradissima; o resultado proximo ou remóto não é difficil de prever. Aquella grande nação para chegar á sua possivel bemaventurança, tem de passar infallivelmente pelo purgatorio de uma revolução profunda, em que o systhema da propriedade de novo se-recomponha.

Na FRANÇA o projecto que o govêrno presentou (segundo se-diz feito por el-rei) para se-dar a regencia ao duque de *Nemours*, já pela câmara dos deputados foi approvado. O poeta e o historiador *Lamartine* e *Thiers* assignalaram-se n'esta questão.

A ITALIA estuda, canta, dança, desenha e imprime; tudo com grande fúria. N'esse paiz ha tambem política, mas latente.

Na HISPANHA cessou o apuro financeiro, que produzíra a crise ministerial, havendo fortes esperanças de se-obter um emprestimo.

Continuam tropas na frontaría de *Portugal*, mas os jornaes dizem, que não ha entre os dois govêrnos inimisade.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

758 Diario do Govêrno de 18 de agosto — Portaria do thesouro, exigindo de todos os governadores civís, a remessa dos lançamentos da décima de 1840 a 1841.

— de 24 dicto — Portarias dos ministerios da fazenda, e justiça sobre o edificio do extincto convento da Bôa-Hora, que por ellas se-manda destinar para estabelecer todos os tribunaes de justiça de primeira instancia.

— de 25 dicto — Portaria do ministerio do reino, requesitando a todos os governadores civís, a estatisca dos expostos dos seus districtos.

— de 26 dicto — Orçamento geral do rendimento

e despesa do estado, apresentado ás côrtes pelo ministerio da fazenda.

— de 30 dicto — Portaria pedindo ao procurador régio relação de todos os bens que por dívidas ou qualquer causa tem sido adjudicados á fazenda nacional. — Relação dos solicitadores de causas habilitadas segundo a lei.

— de 2 de septembro — Annuncía feito pela secretaria de marinha da apparição de um «baixo» a léste da ilha da Boa-Vista na latitude N. 16° 17' e longitude a O· de Greenwich 22° 21'

— de 7 dicto — Lei ordenando que os officiaes da secretaria da câmara dos pares hão-de servir de escrivães quando esta se constituir em tribunal de justiça. — Dicta provendo a substituição do presidente e vice-presidente da câmara dos deputados.

CORTES.

759 A câmara heriditaria discutiu o projecto da creação dos escrivães para os seus processos quando se constituir em tribunal de justiça, o qual foi approvado na outro câmara, e convertido em lei. Deu causa a isto o processo que se vai instaurar contra o digno par *Marquez de Niza*, por desobediencia á justiça.

O projecto da auctorisação e o da remissão dos fóros estão para ordem do dia.

A câmara electiva approvou a resposta ao discurso da côrôa tal qual a redigíra a commissão. Concedeu a auctorisação pedida pelo govêrno para arrecadar os rendimentos públicos, e levantar fundes por emprestimo para satisfazer aos juros da dívida externa.

Approvou um projecto para a remissão dos fóros da fazenda nacional. Discute actualmente o projecto sobre a companhia dos vinhho do Alto Doiro.

O deputado *Baptista Lopes* apresentou um projecto para se-estabelecerem na provincia do *Alémtéjo*, casaes e povoações convenientemente distribuidas.

A imprensa applaudiu muito este alvitre, e nós aguardâmos o parecer da respectiva commissão.

CALÓTE PREGADO AO DIABO POR UM GUARDA MUNICIPAL.

760 Seis mezes ha, que um soldado da primeira companhia da Guarda municipal, por nome *Samuel Fortunato*, e por alcunha *o judeu*, se-via entrar quotidianamente, em casa, ora do thesoureiro, ora do parocho do *Sacramento;* d'onde, passado largo espaço, recolhia grave, e pensativo. O seu comportamento, que nunca fôra escandaloso, havia-se tornado n'estes seis mezes cada vez mais concertado, e já quasi entre seus camaradas o apódo de *judeu* se-lhe-ía convertendo no de *beato*.

¿Qual fôra porém o princípio? Qual era a natureza e fim d'estas visitas mysteriosas? Filho e parente d'israelistas aferrados á sua religião, *Samuel* era israelista; posto que, de *Tanger*, onde recebêra a vida e a circumcisão, a sua estrella vagabunda o-houvesse conduzido, havia annos, a viver e militar entre christãos, e em *Portugal*, conservára comtudo, senão a prática do culto, pelo menos as crenças hereditarias; não seía baloiçar, nem psalmear na sinagoga, não deixava de comer a carne mal sangrada, mas esperava tranquillamente sôbre a tarimba do seu quartel pela chegada do *Messias*: ao sabbado, pesava-lhe de não participar do repouso dos doze tribus, mas ao domingo ía na fórma com os seus camaradas ouvir a missa da freguezia.

Sabedores d'esta especie de profanação do sancto sacrificio, os reverendos parocho e thesoureiro, dirigem-se ao capitão da companhia, o sr. *Barrot*, o qual lhes-promette fazer cessar a causa de suas queixas.

Era assaz para a decencia pública, era pouco para a charidosa consciencia dos ecclesiasticos: não bastava affastar da egreja um infiel; urgia reconduzil-o a ella convertido: o benemerito official lhes-dá ainda a mão n'este segundo empenho. Esperançado nos bons effeitos do zêlo e sabedoria d'ambos os ecclesiasticos, envia-lhes *Samuel*. Contar porque difficeis passos, logo desde a primeira visita, procedeu, e se-perfez a conversão e doctrinação completa do cathecumeno, fôra obra tão curiosa, como util; mas descabe por sua extenção, no papel onde escrevemos.

Já finalmente o fructo da arvore da sciencia estava colhido; era chegada a sazão de se n'ella enchertar a arvore da vida. A cinco do corrente, o magnifico templo do Sanctissimo Sacramento d'esta cidade, achava-se apinhado, até fóra das portas, e grande espaço da calçada, com pessoas de ambos os sexos, e de todas as jerarchias, que, attraídas da fâma, accudiam a presenciar com avidez o baptismo do soldado: o corpo da egreja, o chôro, as tribunas, as capellas, o baptisterio, tudo estava chumbando; fileiras de damas da maior elegancia, se-viam de pé sôbre as têas e balaustradas, realçando por sua formosura, e pelo desabrochado contentamento de seus semblantes, o interesse d'aquelle insolito spectaculo. ¡Quadro era não menos delicioso para os olhos, do que para o coração, e para o entendimento!

Não sabemos coisa de mais bella sublimidade, nem verdadeiramente mais tocante, do que é a-força, a gloria, a altiveza militar, que em nenhuma parte da terra, que em nenhuma circumstancia da vida, se-abenega, humilhando-se voluntariamente na casa do Deus de paz, e venerando de joelhos aos ministros do altar, a esses velhos só armados de mansidão, a esses desenganados, a quem todas as maiores pompas mundanas só devem parecer escuridão, vaidade, e miseria. Nenhuns hymnos terrestres (se a razão sevéra o não diz, a phantasía pelo menos o-cuida no seu enthusiasmo) nenhuns hymnos terrestres devem retinir mais agradavelmente aos pés do throno do Altissimo, do que as homenagens que um numeroso corpo armado lhe-rende sob as abobadas sanctas, pela vóz guerreira e estrondosa de cem instrumentos fundidos para proclamar as batalhas e os assaltos, as victorias e os triumphos; tal foi, em grande parte, o character d'esta solemnidade. Toda a primeira companhia de infantes da Guarda municipal, em grande uniforme, com o seu capitão á frente, tres soldados de cada uma das outras, de ambas as armas, de pé, e de cavallo, o commandante, o sr. *D. Carlos de Mascarenhas*, e muita outra officialidade, accompanhavam com toda a brilhante banda da musica municipal, ao seu camarada até á fonte das agoas-vivas da regeneração: de soldados se compunham as alas que ao longo da egreja guarneciam a passagem da ceremonia, resplendecendo em suas mãos tochas accêzas: excellente musica de capella, assim vocal, como instrumental, (gratuita, como tudo que aí concorreu) ajudava a devoção do acto; a numerosa confraria do Sanctissimo, toda presente, o alegrava com as suas purpuras: uma copiosissima clerisia lhe-accrescentava a gravidade: a louçania das armações; os perfumes do incenso; os repiques dos sinos, o poetisavam: de muitos olhos, de quasi todos, corriam lagrimas de ternura.

Concluído o baptismo, em que foi padrinho o sr. *D. Carlos de Mascarenhas*, e o sr. *Barrot* tocou pela madrinha, ao som de uma súbita acclamação triumphal, executada pela musica da Guarda, subiu o neóphyto *Samuel*, já transformado no christão *Carlos*, da porta do templo com toda a comitiva, para a capela-mor: aí collocado á parte da epistola, entre os padrinhos, e com a vela accêsa na mão, escutou devotamente, por entre o maior recolhimento dos circumstantes, uma curta, mas eloquente pratica, na qual o douto e religiosisimo parocho, lhe descubriu a enchente de graças, que n'essa hora recebêra, e os novos deveres que livremente contraíra para toda a vida. Seguiu-se o *Te Deum* com instrumental, e expôz-se o Sacramento: terminou a festa, celebrando o mesmo prior, missa por intenção do neóphyto, alumno seu, e seu verdadeiro filho espiritual. O reverendo padre thesoureiro, á saída, restituindo-lhe a véla, que para êsse fim mandára fazer, toda florída, e com muitas invenções de côres e doirados, lhe recommendou que a conservasse, a fim de ter sempre comsigo testimunha que lhe-recordasse as novas e santas obrigações que se impuzera.

Um lauto jantar, dado á companhia no refeitorio do extíncto convento do Carmo, pelos srs. *D. Carlos e Barrot*, pôz remate ao mais bello dia que em seus vinte e oito annos de edade haveria gosado o israelita.

Presepposeram algumas pessoas, que o amor, ou outros interesses profanos, foram os mais efficazes missionarios d'esta con-

versão; enganaram-se; quanto ao amor, assim no-lo affirma quem por tracto mui particular conhece agora a fundo o sr. *Carlos Fortunato*; e quanto aos interesses de fazenda, nem se quer se póde dizer que tomou o ceu de graça; seu pae no *Brazil*, em *Lisboa* seus thios, são negociantes grossos, e tão affincados e ateimados na lei de sua creação, que mais depressa lançariam ao mar os seus haveres, do que deixa-los a quem a renunciou. A adopção do testamento novo, custou por tanto a *Samuel* alguns tres testamentos futuros pelo menos.

QUEM COM FERRO MATA COM FERRO MORRE.

761 Em a noite de 11 de agosto, no sitio de Pedra Longa, onde partem as freguezias de S. Miguel e S. João, proximidades de Guimarães, appareceu morto, de tiro, um façanhoso ladrão e assassino por nome João da Costa, antigo terror d'aquellas visinhanças; todo o espolio que juncto ao cadaver se-encontrou, foram uma cabaça com vinho, e n'um saco uma gallinha e quatro frangãos. Todos os que poderam o-foram ver, não ainda sem um resto de terror, e dando muitas graças a Deus de haver desassombrado as suas terras d'aquelle javali. A mão desconhecida do seu vingador, foi geralmente abençoada.

EXTRAORDINARIO MODO DE SALDAR CONTAS COM A FAZENDA NACIONAL.

762 O cosinheiro de uma tasca no largo do Pelourinho, havia sido intimado para solver uma decima industrial, inteiramente superior aos seus poucos meios, tendo mulher e seis filhos a quem suppria com a sua diminuta agencia. Chegava o prazo de ser executado, toma a faca da cosinha, e atravessa o coração. Esta miseria aconteceu no domingo ultimo.

CAÇA A LADRÕES.

763 *Braga* 18 *de agosto* — Na tarde do dia 20 do mez proximo passado, foi morto um desertor do regimento n.º 14, por appellido o *Rocha*, chefe da quadrilha que tem infestado as freguezias de *Adaufe*, *Crespos* e visinhas do districto de *Braga*, na occasião em que sendo preso pelos cabos de policia desfechára com elles. As auctoridades teem mandado differentes destacamentos de tropa para aquellas freguezias, os quaes junctos com o povo, teem affugentado os ladrões que compoem a mencionada quadrilha, que em breve cairão nas mãos da justiça.

Gazeta dos Tribunaes.

GALHARDIAS DE SENHORES.

764 S. A. o principe austriaco, primo de S. M. Fidellissima, aproveitou a sua curta visita a esta cidade em ver quanto n'ella havia mais notavel. Profiam maldizentes em que não levaria muito para contar em suas terras; mas é falso; basta que assistiu á muito nobre e rutillante funcção da ultima corrida dos chamados «toiros dos fidalgos»: brincadeira de bois manços a-alcunharam os praguentos, affirmando que, se ahi houve alguma coisa toureada, não foram certamente os da Chamusca. Nada podêmos decidir n'este particular, porque não tivemos a honra de assistir; mas sempre nos-parece, que essa famosa tarde preparada á custa de tantos mil cruzados, annunciada por tão estrepitosas girandolas, e que despovoou meia Lisboa, devia de ser explendidissima! nós pelo menos vimos um grande número d'esses inclitos toireiros, cavalleiros, capinhas, e homens do forcado, n'essa mesma noite, e com os mesmos aparatosos trajos, com que no campo acabavam de brilhar, subir triumphalmente pela platêa do theatro normal, para darem com sua presença ás damas um expectaculo inopinado, e mais curioso que o do proprio Réo atroz; só assim poderia haver quem arrancasse ao sr. Sargedas a palma de tal noite! Não, S. A. austriaca, não é possivel que deixe de nos-ír fazer muito boas ausencias! elle havia, necessariamente, de ter lido, e com assombro, as histórias gloriosas dos nossos antigos fidalgos, de que foram acanhados theatros todas as partes do mundo, mas agora!.. póde, pelos seus proprios olhos, certificar-se da veracidade d'essas façanhas incriveis pela heroicidade, e proezas de seus não degenerados descendentes!...

ROMANTISMO ÇAPATEIRAL.

765 A 25 do passado um çapateiro, morador na rua da Penha de França, á Patriarchal Queimada, appareceu morto juncto á sua cama, tendo-se suicidado com um laço que armou no tecto. Seus vizinhos, que o foram procurar por serem passadas as horas em que elle costumava abrir a porta da casa, o acharam n'aquelle misero estado. Não se póde atinar qual fosse a causa d'um facto tão desesperado.

(Restauração.)

HONROSO LAUREL ACADEMICO.

766 Lêmos no *Periodico dos Pobres do Porto*:

»*Coimbra* 17 *de agosto*.— No dia 24 do mez próximo passado, se-doctorou na faculdade de direito na Universidade de *Coimbra*, o joven academico *Antonio José Marques Corrêa Caldeira*, natural de *Ponte do Lima*, official maior do govêrno civil de *Coimbra*, e sobrinho do sr. *S. Luiz*; concluiu admiravelmente sua carreira, e largos annos decorrerão antes que outro egual em profundesa de idéas, graças e exactidão de palavra, propriedade de respostas, ahi volva a sentar-se. A' noite houve um selecto e brilhante baile dado pelo doctorado na quinta de *Revelles*, dos extinctos frades de *Sancta Cruz*, ao qual assistiram cincoenta e seis senhoras das principaes familias da cidade; fazendo as honras da casa S. Ex.ª a condeça de *Terena*, esposa do conde reitor da Universidade: a funcção terminou pela madrugada a contento de todos.

MALFEITORIAS DE CÃES.

767 Hoje quarta feira, um criado do sr. deputado *João Rebello da Costa Cabral*, estava na rua intendendo na limpeza d'um cavallo, passa um cão á carreira, espanta-se a alimária, expede um coice, que tomando ao infeliz pelos peitos o estira morto!

¿ A quantas tragedias não tem já dado occasião, n'esta cidade, os cães?

NOVO DICCIONARIO PORTUGUEZ.

768 Saíu á luz o diccionario da maior parte dos termos homónymos e equívocos da lingua portugueza; augmentado com uma grande cópia de vocabulos technicos, e sua etymologia, e enrequecido com os adagios da lingua, e muitos trechos de história, critica, e antiguidades; por Antonio Maria do Couto. Lis-

boa 1842, 1 vol. fol., encad. 3,600 reis. Nada podemos dizer por ora d'esta obra, nenhum exemplar foi ainda enviado a esta redacção.

MAXIMOS EFFEITOS DE CAUSAS MINIMAS.

Carta.

768 O cuidado que VV. teem tomado em mencionar no seu utilissimo Jornal as victimas da barbaridade e desmoralisação no nosso malfadado paiz, me obriga a narrar-lhe um horroroso facto acontecido nestas vizinhanças.

Na noite de 9 do corrente mez, pelas 8 horas e meia, na Freguezia de Paços de Gaiolo, Comarca de Soalhães (*horresco refferens*) se matárão reciprocamente dous homens com pancadas e facadas. Uns poucos de figos forão o fatal pomo de discordia entre estes dous desgraçados. Encontrando um ao outro em uma figueira sua a comer-lhe os figos, mas achando-se inerme para o acometer, transferio para outra occasião, e com effeito na referida noite se encontraram, e travaram o funesto duelo que decidiu da vida de ambos,

Sinfães 24 d'agosto de 1842. *P. João J. da S. Guedes.*

FABRICO DE DINHEIRO FALSO.

769 Sob egual rúbrica refere o *Nacional* de 6 do corrente, que o funestissimo crime de fazer e lançar no giro moeda falsa, continúa a repetir-se com grande fúria, e que só para a feira de *Vizeu*, consta haver cinco encommendas de tal moeda. Os cruzados novos são de uma perfeição, que engana, e vendem-se por 300 réis.

FRUCTO DOS AMORICOS.

Aviso a maganões.

770 Na ilha da Madeira José de Jesus, por alcunha (o Galinhola) foi condemnado pelo jury a degredo perpetuo para a Africa, e a pagar 100,000 réis a Maria de Jesus, filha honesta de lavrador, por o réo desinquietada, desflorada e gravida; e por elle mesmo tambem, de mais a mais, diffamada com as mais atrozes calumnias na contrariedade ao libello. A relação de Lisboa confirma a sentença, quanto aos 100,000 réis, mas attendendo a que o réo tem já padecido dois annos de prisão, commutta-lhe a perpetuidade do degredo em 3 annos para as ilhas de Cabo Verde.

ASSASSINAMENTO DE UM JUIZ!

771 As justiças de Portugal acabam de padecer um inaudito desacato no assassinio de um de seus integerrimos magistrados o sr. Dr. Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, juiz de direito da comarca de Midões!

Saía em 30 do passado pelo meio da noite, de casa do Visconde de Midões para a sua, e no transito foi acomettido e assassinado, sem que até agora se descubrisse quem foram os homicidas.

E' quanto se-publicou em côrtes, o que obrigou o governo a propor providencias extraordinarias para castigar peremptoriamente taes atrocidades.

¡Que venham essas medidas extraordinarias, pois que tão extraordinariamente desaforado vai correndo este nosso tempo!

EMIGRAÇÃO.

772 Assim de *Portugal*, como de suas ilhas continúa a saír para a *America* número grande de mancebos, rapazes, e familias inteiras a correr fortuna—cuidam elles—mas em realidade a passar trabalhos e amarguras d'escravaría. O desatino d'estes mal-aconselhados, não só a elles os perde, senão que ameaça progressivo crescimento aos males da patria; males, já hoje tão graves, que filhos seus lhe-fogem em cardumes do macio e perfumado regaço, para se-irem sob estranho céo suar agua e sangue, morrer de fadigas e saudades! Se ha lei, ou leis por onde tal se-possa atalhar, que as-appliquem rigorosamente; se não as ha que as-façam; se as não fazem, as auctoridades que imaginem e ponham por obra todos e quaesquer meios, para cada uma por sua parte vedar o passo a esta insensata deserção. Antes se-violem aqui ou acolá os principios absolutos da liberdade, do que se-consinta, por não quebrantar theorías, em deixar esvair-se de todo, uma pobre nação já tão mortiça e defecada.

¿Quando a terra pedir em vão braços de cultivadores, as fábricas operarios, os navios marinheiros, e soldados as praças e os costellos, será da página das *garantías individuaes* que hão-de saír os maritimos, os peleijadores, os artifices e os colonos?

¿Mas se para tudo isto ha objecções, ou difficuldades, não está ainda por tentar um remédio mui suave, mui prompto, mui fácil, mui isempto de reprehensões, e provavelmente efficacissimo? ¿a persuação? Comêtta o govêrno o cuidado de desvendar os olhos do povo sobre este grave assumpto—por uma parte, aos jornalistas, por outra aos pastores espirituaes. A cadeira da verdade era antigamente o único oráculo das turbas, grande porção d'ellas desertou d'esse oráculo para o que de novo se-fundou, sob o nome de imprensa: o que a homilia perdeu de ouvintes, o *artigo de fundo* o ganhou; prégue-se pois aos portuguezes ignorantes, famintos e alucinados por vãas promessas de estrangeiros, prégue-se-lhes pelo escripto, e pela palavra, nas cidades e nos campos, mundâna e religiosamente; em nome da patria e em nome da religião; o amor da terra natal; a fé na providência; a esperança no progresso vagaroso, mas certo das coisas; a charidade natural que obriga o homem a amar a si, e aos seus, e á casa, e á terra do nascimento; a vaidade da maior parte das promessas; o amargor de remórsos tardíos; o desconsôlo de acabar entre desconhecidos; de jazer em terra que nenhuma lágrima vai humedecer; e como estas, mil outras verdades demasiadamente verdadeiras,

Para viver não basta o pão, ha-se mister da palavra de Deus, diz o Evangelho; e ha-se tambem mister da patria, diz a philosophia e a experiencia; e tudo isto, e até muitas vezes o pão, com cuja amostra de longe o engodaram, vem a faltar ao escravo branco, que não vendido por outrem senão por si mesmo, se-arremessa das boas terras portuguezas, para sertões indómitos; e do seu mundo conhecido e sabido, para outro mundo que nunca para elle ha-de ser céo!

QUI PRO QUO.

773 Discutia-se em certa sociedade n'um dos se-

rões da semana passada, o merecimento comparativo de algumas das obras ál'amoda. Um pintalegrete cuja consciencia não era das mais escrupulosas, requeria para as *Memórias do Diabo* a palma não do martyrio, que lhe-sería devída, senão do triumpho. Duas meninas mui lidas e sabidas, e não sabemos que mais, esgrimiam argumentos e gritos em favor de *Nossa Senhora de Pariz*. Uma dona que nunca ouvira fallar em mais livros do que as *Horas Mariannas* e o *Flos Sanctorum do Rosario*, tendo levado a noite em pezadellos e suores frios por causa do simples titulo das *Memórias do Diabo*, mandou logo na manhã seguinte muito cêdo, procurar e comprar a traducção de *Nossa Senhora de Pariz*; impressa na officina da *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, dando muitas graças a Deus de haver n'este seculo môças tão novas, que se-recreavam com tal leitura. ¡Qual sería porém o seu pasmo quando chegada a obra se-arremessou a ella e lhe-descubriu o miollo! Consta que nunca se-viu uma cara de gente mais de súbito pasmada, mais transtornada, mais divertida para quem a-contemplasse; nem jamais se-ouviu um suspiro tão dolorído como ella soltou, deixando caír o folheto d'entre as mãos!....

PARVO NO GENERO TRAGICO.

774 Era *Manuel de Moraes* um abastado proprietario de *Passaios*, no concelho de *Valpaços*, bem aparentado, com amigos, e solteiro; nenhuma das condições externas de felicidade lhe-faltava: ¡ mas quem sabe o que vai lá por dentro de cada homem, e o que o diabo a occultas lhe-segrêda!?

Havia tempos (têm-se agora descuberto pela combinação de certas palavras, e passagens de que então senão fazia caso,) havia, repetimos, alguns tempos, que o damnado pensamento do suicidio o trabalhava: este pensamento consentido veio ultimamente (a 9 de julho) a tornar-se tenção formal. Queima todos os seus papeis e contas, como primeiro passo para rompêr com o mundo, convida, a se-banquetearem com elle todos seus parentes e amigos; ao cabo do festim, diz, que não sabe para que são tantas iguarias e fartura, para uma coisa tão curta e insignificante como é a vida! levanta-se disfarçadamente; volta com uma espingarda, e, antes de dar tempo a que lhe-atalhem, ou lhe adivinhem a determinação, mette a bôca da arma na sua, e desingatilha-a com uma bengala: o corpo caíu logo sem vida; os miollos voaram ao estuque do tecto; — ¡ da alma, quem dirá o que foi feito!

O nosso correspondente, o sr. *J. M. G. P.*, na religiosa e eloquente carta, em que nos dá conta d'este successo, demora-se em moralisar profundamente o suicidio: de bom grado a publicáramos aqui, se os louvores que n'ella, tão desmesuradamente, se conferem á nossa *Revista*, nos não atassem as mãos. Contentar-nos-hêmos com a transcripção do seguinte paragrapho: « Se antigos póvos pagãos, como os egypcios, não admittiam os mortos ao asylo sagrado da sepultura, sem haverem passado por um rigoroso tribunal d'averiguação, o qual, segundo fôra em vida o seu proceder, os privava das honras posthumas, ou os deixava correr gloriosamente ao *seu Elysio*, e se outro povo, o povo de Deus, tomou este uso maravilhoso; porque não ha-de similhantemente a charidade christã abrir devassa contra mortos, que, renegados do pensamento de quem lhes-dêra o ser, desquitados da terra que os nutria, dos seus similhantes, com quem mil vinculos de mutuos beneficios e esperanças os ligavam, do proprio corpo e sentidos, de quem e por quem tantos prazeres lhes tinham vindo, e lhes podiam ainda vir, se arremessam ao irreparavel attentado do suicidio, doirando talvez de ante-mão na sua fantasia a idéa da morte com a da sympathia e lagrimas alheias! Quem não concordará n'esta parte com o voto já altamente proclamado pelos redactores da *Revista Universal!* quem não pedirá á lei humana, até hoje neutra e impassivel em tão grave materia, que se levante com o raio na mão para fulminar tal cadaver, e destruir para o futuro tão sacrilegas esperanças! — se o suicidio offende, e muito, e por mais d'um modo, a sociedade, porque não ha-de a sociedade procurar por meio de castigos reria-lo?»

Recommendâmos novamente este ponto aos Legisladores: serviço grande fará aquelle que o propozer. Um projecto de lei, n'este caso, é facil de conceber e ridigir, e facilimo de sustentar e vencer; porque nenhuma voz, nem no govêrno, nem no parlamento nem na imprensa, nem nas academias, nem nas praças, nem nas familias, nem em parte alguma, o impugnará: as bençãos, aí, serão unanimes.

LONGEVIDADE.

775 Colhemos dos *Pobres no Porto* o seguinte. Na freguezia de S. Bartholomeu, concelho de Celorico de Basto, no lugar de Lisbão, existe um individuo, por nome Domingos Lopes, viuvo, o qual tem d'idade 110 annos, e ainda trabalha na lavoira!

CIRCO SEM EXPECTADORES.

776 Em um dos ultimos dias do passado julho, ás horas de Trindades, no concelho de Azeitão, e sitio da ribeira de Negreiros, na quinta do sr. Agostinho Barreto d'Oliveira, um homem de trabalho, da Aldêa de Irmãos da mesma villa, por nome Agostinho, recolhia do serviço da semana no sabbado, com um filho pequeno, de edade de seis annos, montados ambos em um jumento. Passavam por entre uma vala e um moinho de agoa deshabitado, quando um cãosinho, que em sua companhia levavam, e lhes ía adiante, presentido de lobo, refoge e vem metter-se debaixo do jumento, e á sombra de seu dono: fez estranheza o successo; mas logo se aclarou, sahindo, e crescendo contra elles, um bruto e desconformissimo lobo. Soccorreu-se o velho, ao que para taes conflictos costuma de ser primeira arma, que é o apupar; é industría proveitosa; mas sahio baldada. Vendo que a batalha se não escusava, e que já o inimigo lhe vinha em cima, faz coração, derriba-se com o rapaz para o lado contrario ao do lobo, e, com o burro em meio por trincheira, e vendo a fera impinada para a galgar, com um rijo bordão ferrado que trazia, lhe desanda na cabeça uma valente despedida; era assalto medonho; porem mais medonha foi a lucta que logo seguio. Travados a braços os desigualissimos contendores, em pé, e encorporados, se andam ambos baloiçando por alguns minutos; já sacudido pelo focinho do animal saltou fora o chapeo da cabeça ao velho; já os seus hombros e braços, esmordaçados, escorrem sangue; já a sua

voz, que não cessa de bradar por soccorro, principia a enrouquecer, e tapar-se; mas a dor, e o perigo, mais do filho do que de si mesmo, lhe conserva e melhora continuamente os brios: consegue emfim ou por força, ou por destreza, ou por ambas estas coisas junctas, prostrar a fera sem na largar, e ficar sobre ella, assoberbando-a com o seu peso, segurando-a pelas orelhas, e senhoreando-lhe assim, em parte, os movimentos: era só afastar a morte por algum tempo — era prolongar a agonia; porque aos gritos do pai e do filho, nenhum soccorro se via assomar no calado, e cada vez mais escuro, deserto que os rodeava. Ficava logo necessario aproveitar, até o ultimo, todos os debeis recursos da conjunctura: em quanto as forças do cançado athleta se empregavam todas n'aquella espantosa lide, o seu espirito improvisava auxiliares, e novos meios de guerra. Sem cessar de combater, ordena á creancinha, que tome do chão o páo, que dê com elle pela cabeça do lobo, e, em lhe vendo abrir a boca, lho mergulhe, com quanta mais força possa, pela guelas, e assim se executou; mas que podiam uns bracinhos de seis annos, se não exasperar as furias do commum inimigo!

Então occorre ao pai que traz na algibeira uma navalha; manda-lhe que a tire a toda á pressa, que lha abra, que lha dê á mão; senhor do ferro, que impunha com a esquerda, agarrando só com a direita nas orelhas do lobo, crava-lho no pescosso.

Eram um pai e um filho! podia tardar, mas não podia faltar a Providencia. Atrahido pelos brados, que não descontinuavam, acode o sr. Oliveira; vê debaixo do velho o monstro, ainda inteiro de forças; arruma-lhe aos peitos a boca de uma espingarda, e despara: só então, acabada a vida, cessou este de lacerar com os dentes e unhas as pernas, braços, e todo o corpo do seu vencedor; o qual, por trofeo, conserva em sua casa o bordão, todo, até o proprio castão de ferro, varado dos dentes, e a ferina pelle empalhada; que ainda agora por sua enormidade, amedronta aos que a comtemplão: tem, dos pés trazeiros até o focinho, nove palmos! —

SEIS QUIXOTES PROTECTORES DE UM CÃO.

777 Conta-nos que antes de hontem 6 do corrente indo pelo terreiro do paço um pobre homem com um cão vadio que apanhara e levava preso, em conformidade com as posturas da camara municipal, 6 subjeitos subindo-se, sem ceremonia, á dignidade de defensores do bruto, mandaram despejadamedte ao homem que o largasse. Recusou: Nova intimação. Nova resistencia.

Vendo os tafues que a sua damnada charidade não impuuha grande respeito ao pobre diabo, resolveram passar *a vias de facto*, e effectivamente deram principio ao glorioso feito de espancar o triste, e com tal heroicidade se-houveram, que só no meio da rua Augusta, quando o misero padecente não podendo mais, caiu por terra banhado em sangue, se-resolveram elles a largal-o.

E' escandaloso o feito. Pela insolencia com que assim maltrataram um pobre homem, qne não fazia mal — Pela audacia com que insultaram a câmara municipal, contrariando tão abertamente as suas ordens — E finalmente pela vilissima covardia com que 6 homens espancaram um, sem armas, pobre, indefeso, abandonado e só. Lamentamos que nem uma patrulha acudisse aos lastimosos e afflictos brados do infeliz martyr de covardes, sem alma, e sem pejo, que fazendo-se charidosos por um cão, quasi se-tornaram assassinos de um homem!

778 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 17 ATE' 31 AGOSTO 1842.

Dias do mez	Thermometro exterior Min.°	Thermometro exterior Max.°	Barometro 9 h. m.	Barometro 3 h. t.	Fluxímetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
17	69	84	759,0	758,8		B. ¹SO²	Cl.°, horisonte vaporoso: tarde fresca e um pouco humida.
18	68	82	60,7	60,1		¹SO. NO	Cob.° — Cob.° e claros. — Claro.
19	60	82	62,0	60,0		B. NO	Cl.°: sol descorado: dia quente e tarde fria
20	62	82	61.0	59,8		B. NO	Id. Id.
21	59	78	60 3	60.0		B. NO	Id. Id.
22	59	72	59,8	59,3		³N	Id. dia muito fresco e ventoso.
23	57	72	57,7	57,5		N. NO	Id. Id.
24	58	78	57,7	57,5		¹SO. NO	Cob.° e algnns claros. — Cl.° e nuvens.
25	57	81	58,7	57,8		V. ¹NO	Id. Id.
26	56	72	58,3	57,0		³N³	Cl.°: muito fresco, e frias as madrugadas e tardes.
27	59	74	56,4	56.0		¹N. NO¹	Id. Id.
28	58	77	57,1	57,7		B. N³	Id. Id.
29	57	76	59,0	59.3		²N³	Id. Id.
30	57	77	63,0	62.5		²N. NO²	Id. Id.
31	64	89	62,0	60.0		²NE. NO²	Id. dia muito quente.

Continuou a influencia da 3.ª quadra, calmosa até ao dia 21, sendo porem menos intensos os calores nos ultimos cinco dias. O ceo manteve-se claro, ou com poucas nuvens, o horisonte vaporoso, e brandos ventos; no dia 22 appareceu a 4.ª quadra com a temperatura muito fresca nas madrugadas e noites, calores pouco intensos nas horas meridianas, ceo claro, ar sècco, e alguns dias com ventos rijos do norte, terminando o mez com a apparição da 5.ª quadra, no ultimo dia, o qual desenvolveu calor violento, continuando o ceo claro, ar muito sècco, com vento rijo e ardente de nordeste.

M. M. Franzini.

ERRATA.

No número 46, ultima pagina e segunda columna, 4.ª linha, onde diz — *sendo maiores* 130 — deve ler-se — *sendo maiores* 268, *e menores* 230.

LISBOA: 1842 — NA TYPOGRAPHIA LUSITANA.
Rua das Parreiras n.° 4, a Jesus.